

# Candangoiolos: memórias entrelaçadas nas travessias dos universitários goianos em Brasília (UnB/Plano Piloto)

*Frederico Le Blue Assis*

*“Mas a sua solidão há de dar-lhe, mesmo em condições muito hostis, amparo e lar, e partindo dela encontrará todos os caminhos”.*

Rainer Maria Rilke (2003)

## 1 INTRODUÇÃO: GIRAMUNDOS QUE FAZEM O MUNDO GIRAR

Os estudos migratórios contemporâneos têm como premissa abordar questões atinentes à identidade, ao pertencimento, à memória e à mobilidade de pessoas e povos ao redor do mundo. Na era globalizante das tecnologias de transporte e informação mais ágeis, o fenômeno migratório tem recebido um incremento expressivo e exponencial, permitindo uma maior mobilidade de homens, mulheres, jovens e crianças. Essa mobilidade, muitas vezes, de forma indocumentada e ariscada, tem alimentado complexas pesquisas sobre migração humana global, em função da condição – cada vez mais multissituada, fragmentada e híbrida das comunidades imaginárias de migrantes. Neste contexto, e diante das complexidades e potencialidades sociais, políticas, econômicas e culturais das migrações transnacionais, os deslocamentos interurbanos de curta ou média distância e duração, sazonais ou não, em alguns casos, para a realização de cursos de formação técnica ou universitária, acabam não atraindo a atenção dos pesquisadores, gestores públicos, instituições e movimentos sociais que trabalham com migrantes.

Em função da globalização homogeneizadora sempre a ameaçar a escala do microterritório dos lugares sociais em muitas cidades globais, apesar dos esforços desglobalizantes glocalistas e localistas (BOURDIN, 2001), um intrigante distanciamento cultural entre duas cidades próximas pode ser maior do que o de duas geograficamente distantes uma da outra. O caráter vicinal entre duas cidades também pode acarretar dificuldades adaptativas entre os seus respectivos migrantes. Tal caráter tende a funcionar como um fator geográfico acomodador, que propicia a falta de resiliência para

adaptação, pois que a facilidade de retorno tende a manter mais preservado o cordão umbilical psicológico do pertencimento local como uma espécie de útero eterno, que é a cidade natal. O contraste polarizador, por vezes, hiperbolizado pela vizinhança, ocultando semelhanças históricas – fenômeno do duplo vínculo ou *double bind* (BATESON, 2000) –, pode ser uma chave explicativa para entender os nós e entrelaçamentos de memórias regionais de jovens migrantes goianos estudantes na capital irmã e vizinha (Brasília) a Goiânia, que serão apreciadas no presente texto por meio da desconstrução dos mitos de nostalgia mítica de hospitalidade e de sociabilidade percebidas, relativamente, como mais “maternal” da sua cidade de origem, Goiânia-GO, em contraponto a “madrasta” cidade de destino, Brasília-DF.

A presente pesquisa, para além de um mero recorte especializado e etnográfico sobre migração regional, tem por objetivo geral ampliar a compreensão sobre a sociologia da brasilidade, inventariado os impactos e desafios do processo de descentralização geopolítica, desenvolvimento regional e urbanização modernizadora do Brasil para o Centro-Oeste, ainda em curso. A megalópole em formação Brasília-(Anápolis)-Goiânia, apesar da recente fundação, já perpassa o imaginário nacional coletivo com símbolos e ícones culturais, políticos e sociais, com relevância econômica e logística para o desenvolvimento regional do país, como demonstra a pesquisa de análise do desempenho do valor adicionado dos setores do agronegócio, da indústria, de serviços e da administração pública (FERNANDEZ, 2016).

Nesse sentido, através das dificuldades e conquistas dos migrantes goianos “candangoianos” em Brasília (Plano Piloto/UnB), procuro dimensionar a orquestração político-social e epistemológico-discursiva da antinomia modernidade/tradição, visando repensar a modernização conservadora no Brasil. A hipótese é de que o “nostalgismo” luso-tropicalista presente na culturalidade de Goiás, serviria como um “post it” de memória da proteção excessiva ou excesso de zelo familiar e social que tende a funcionar como elemento psicossocial autossabotador de processos de migração mais definitivos, por tornar o indivíduo menos resiliente e combativo diante de situações adversas, hostis e impessoais, longe do ambiente social da sua primeira sociabilização.

A expressão “candangoiano” seria um empréstimo cultural alusivo ao aparente paradoxo dos candangos nordestinos, provenientes do sertão da seca e da fome, terem tido mais êxito enquanto estrato migracional em Brasília em termos estatísticos e até simbólicos. É uma forma de inclusão regional dos goianos, por vezes, relegados a um esquecimento “planejado”, haja vista que, apesar do preconceito contra nordestino também ser presente em Brasília, a sua cultura já é considerada patrimônio cultural local (Museu do Candango).

Nesse sentido, é oportuno viabilizar uma análise dos processos de sociabilidade urbana e interação social de estudantes goianos em Brasília (Plano Piloto/UnB) que investigue o imaginário urbano da associação da capital federal com a modernidade e com o multiculturalismo, em contraste com a capital Goiânia, supostamente, mais associada à tradição e à “monocultura” (Santíssima Trindade: coronelismo, agronegócio e sertanejo). Com um exame mais apurado da história urbana comparada, que inventarie a arqueologia de seus símbolos políticos, arquitetônicos, musicais e culturais, e da antropologia dos estudantes goianos em Brasília, será possível, no entanto, demonstrar as contradições empíricas de classificações superficiais entre essas duas capitais planejadas e modernas que fazem parte da história da arquitetura brasileira e internacional.

O intuito desta pesquisa sobre migração estudantil regional de goianos estudantes em Brasília (Plano Piloto/UnB) é também promover um debate franco, acadêmico ou não, com os formadores de opinião, criadores de políticas públicas e demais grupos sociais envolvidos. Em uma perspectiva “macrofilosófica”, procuro discutir a problemática da fragmentação regional identitária, sobretudo em relação à dicotomia modernidade-tradição, a partir da situação exemplar dos migrantes goianos estudantes da UnB, moradores de Brasília. A pesquisa ainda contou com várias informações coletadas em 2005 por meio de observação participante e a realização de entrevistas de campo. Ademais, apresento, brevemente, a pré-história da cidade, a partir do seu mito de origem, destacando a saga de seu herói civilizatório goiano, Toniquinho JK. Cabe observar que outros grupos focais poderiam ser utilizados para observar a dualidade e ambiguidade de diferentes polos e papéis tendenciais de comportamento em relação àquele tema prioritário, o qual me disponho a discutir. Optei, porém, por aqueles sujeitos de pesquisa por avaliar que os elementos de diferenciação regional estão ainda por demais arraigados naquele contexto, o que suscita uma visualidade emblemática bem delineada para verificar o fenômeno da dificuldade de adaptação e solavancos de identidade e memória social em situação de migração regional, mesmo entre cidades vicinais planejadas, especialmente o caso de Goiânia e Brasília.

Ao longo do trabalho, aportes teórico-metodológicos com a Antropologia revelaram-se indispensáveis para a construção e execução da pesquisa. O lugar do pesquisador no processo de pesquisa é ponto central da disciplina, que desde sua origem coloca em pauta a tensão entre objetividade e subjetividade. Outro aspecto importante é que o estranhamento e a identificação compõem o fazer antropológico (GOMES & MENEZES, 2008).

A partir de reflexões epistemológicas de Barth (2000), adotei a seguinte diretriz: não buscar obsessivamente coerência na explicação dos fenômenos antropológicos, em consequência da negligência das contradições em campo para salvaguardar os postulados teóricos.

Entrevistei, formal e informalmente, cerca de 15 informantes (estudantes ou ex-estudantes da UnB), jovens e adultos que moravam na Asa Norte, em suas temporadas universitárias, ou recém-egressos provenientes de vários estados do Brasil (MG, GO, RJ, DF e RS). Tentei observar as relações de sociabilidade de pessoas de outros estados, procurando compará-las com o discurso bastante cristalizado (quase oficial) por parte de goianos e brasilienses sobre os conflitos de identidade regional. Estes apresentam uma retórica pré-concebida, fundada na dicotomia de características excludentes. Para ilustrar este fato, veremos o exemplo da república dos goianos que tinha uma bandeira de Goiás na parede.

Nesse sentido, valho-me, também, de estudos sobre “memória social” para observar/conversar com jovens de outros estados, ou mesmo jovens recém-formados de Goiás, radicados em Brasília, que possuíam interpretações próprias sobre Brasília. Isto permitiu-me não depender exclusivamente do grupo focal da pesquisa. Além disto, possibilitou um exercício metodológico e uma relativização de minhas próprias convicções, já que partilho da mesma origem que meus pesquisados prioritários, os estudantes jovens goianos, em sua maioria, goianienses, de classe média, brancos, ex-estudantes dos mais competitivos colégios de segundo grau. Ser ingresso (aluno especial do PPGAS, UnB) da mesma universidade era outra característica que eu compartilhava com os entrevistados. No entanto, diferentemente destes, procurei não retornar para meu lugar de origem todos os finais de semana, como a maioria fazia. Também não morava com outros goianos, bem como não passava a maior parte do tempo com conterrâneos, justamente, para operar um distanciamento antropológico que permitisse, a partir da experiência da alteridade, erigir uma visão estrangeira e subtotal sobre o familiar. Por outro lado, o fato de depender de brasilienses em minhas iniciativas de inserção, como será visto mais adiante, não me tornou insensível às análises dos efeitos disfuncionais da vida cotidiana em Brasília – tendências à sociofobia disfarçada de solidão poética.

Nesta segunda década do século XXI temos observado no Brasil a consolidação do estudo de memória social. Essa inter(trans)disciplina, frequentemente considerada como uma “irmã caçula” da História, tem como uma de suas principais características a interdisciplinaridade. O estudioso de Memória, embora empregue os já consagrados materiais e métodos de pesquisa da história, apresenta menos constrangimento para adotar estilos narrativos e estéticos (designs etnográficos) múltiplos e inovadores, bem

como mixar cores de muitas disciplinas do espectro acadêmico: Psicologia, Antropologia, Arqueologia, Arquivologia, Comunicação Social, Museologia, Arquitetura, Filosofia, Análises de Sistemas, Medicina e Artes.

Assim, se quisermos aprender Memória Social, não basta ler livros, escarafunchar documentos, cruzar dados e ouvir relatos; antes de tudo, é necessário adentrar no labirinto do próprio inconsciente, seja individual ou coletivo, que nos coloca os desafios de mapear conteúdos cujos significados são polifônicos, por vezes divergentes, mas que convergem para um mínimo divisor comum social que é o código cultural em suas múltiplas escalas (global, nacional, regional e grupal familiar /educacional). Isto possibilita a que um indivíduo possa oscilar entre interpretações sobre um mesmo fato, a depender do momento histórico sócio político de sua vida, ou seja, considerando se a conjuntura é favorável para um ou outro posicionamento, ou silenciamentos das “sensações de lembranças”, que é como se refere às reminiscências o filósofo do tempo, Bergson (2006). As memórias individuais e coletivas se fundem no indivíduo com quadro e moldura, em associações e sensações biográficas contextualizadas temporalmente, que permitem dar um enquadramento imaginativo de memória único e situacional, a cada ato do lembrar.

A pesquisa pela via da Memória Social permite por meio de um viés interdisciplinar da ciência social alcançar os interditos (não ditos e o malditos) da realidade por ela estudada. Nesse sentido, permite realizar uma escuta ativa de elementos como a ausência e/ou silenciamento de fatos e pessoas na história oficial, as contradições entre o discurso oficial e oficioso (ou entre si). As memórias das coisas, pessoas, eventos e espaços estão para além do anteparo aparente das mesmas, ou seja, para além de suas existências materiais, biológicas, duracionais e extensivas, respectivamente. Se o pensamento é uma entidade autônoma, então Memória Social é a capacidade de salvaguardar e autenticar reminiscências psicossociais divagantes de um tempo-lugar, mesmo que de temporalidades épicas/futuras e de localidades alhures/virtuais. Da maneira como entendo o estudo dessa disciplina, é justamente nessa capacidade de ler o sub-textual de forma hiper-textual que está a especificidade da transmissão e enquadramento de relatos e narrativas autenticadoras das correntes de pensamento (sub)grupais.

Enquanto agente da história e produtor e ressignificador de memórias, toda pesquisa requer uma vivência etnográfica das externalidades que permitem e influenciam sua produção social, o que, no caso, das ciências humanas, requer ainda maior vigilância científica, pois se trata do estudo do ser humano pelo homem (mulher) para a humanidade: no limite o estudo de si mesmo, sobretudo, quando se trata de autopesquisa. São múltiplas as afetações constantes no resultado deste empreendimento de pesquisa,

diante da condição de dupla pertença do pesquisador (FAVRET-SAADA, 2005). Estabelecidas essas fundamentações teórico-metodológicas, podemos estabelecer um mapa íntimo que permite identificar a travessia interna e externa do pesquisador, criando e recriando com os pesquisados, cada uma à sua maneira, lugares migrados geoafetivos, porque imaginados e ricos de significados temporais e espaciais deslocados.

## 2 MEMÓRIA SOCIAL (FAMILIAR, GRUPAL E NACIONAL) NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

A família de meu avô paterno é proveniente de uma cidade do sudoeste goiano chamada Jataí, que poderia não entrar para o rodapé da história, assim como os membros de minha estirpe, se não tivesse ocorrido um comício presidencial naquelas paragens, nos idos dos anos cinquenta do século XX. Na época, o então candidato mineiro à presidência da República, Juscelino Kubistchek (JK), tinha o costume de fazer um bate-papo após a exposição de suas propostas de governo. Segundo relato de um informante da cidade e membro da família, na ocasião deste evento o tempo estava chuvoso. Um parente, conhecido como Toniquinho, emprestou um galpão de sua propriedade para sediar tão prodigiosa e prolixa comitiva. No momento mais informal do discurso, o proprietário do recinto indagou se JK tinha como proposta de campanha aplicar a diretriz da Constituição Brasileira – que previa a implantação da capital do país no Centro do Brasil. O candidato respondeu que era uma de suas prioridades seguir a Carta Magna em toda sua integridade, como havia prometido antes mesmo de ser avisado desse item esquecido.

A narrativa familiar também é descrita na história oficial (escrita) no início do livro “Por que construí Brasília?” (KUBITSCHECK, 1975), com forte ênfase na figura de Toniquinho. Essa passagem praticamente invisível da história de Brasília demonstra a existência de micro-eventos, que foram banidos da pauta mais recorrente sobre a mitologia a respeito da cidade. No caso, o seu componente goiano. É mister, assim, recompor um retrato menos utilitarista desta capital funcional, carregada de simbolismos, utopias e afetividades. Essa ausência ou presença pouco enfática é reveladora, discursivamente, daquilo que a pesquisa sobre os jovens estudantes goianos estigmatizados no contexto regional da capital federal parece apontar: Brasília tende a se portar, à primeira vista, como uma ilha suspensa, desconexa de sua vinculação histórica e contígua com as memórias de Goiás que ali também já fora um dia.

Vale dizer que, antes da construção de Brasília, Goiás vivia um período de intensa expectativa política, desde um período anterior. Pedro Ludovico Teixeira, interventor pós-revolução de 1930, havia fundado uma cidade

planejada para 50.000 pessoas, que iria substituir Vila Boa de Goiás, com a função de se tornar a capital do estado, porque esta estava carcomida pelo poderio das oligarquias agrícolas. Surge Goiânia, uma cidade moderna, composta por prédios em arquitetura Art Déco. A planta urbanística original, inclusive, traz em sua área central o formato de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil. Diferentemente do Plano Piloto de Brasília, elaborado por Lúcio Costa, cujo formato é o de um avião, símbolo da modernidade, Goiânia associa sua imagem urbanística originária à religião. Embora também seja uma cidade planejada, com características singulares, a capital de Goiás só se tornou conhecida, inclusive internacionalmente, em decorrência do acidente que envolveu cápsulas radioativas de uma substância chamada Césio 137 –, que atingiu milhares de pessoas e repercutiu até os dias de hoje como o maior acidente radiológico do mundo. Mas seu protagonismo maior é justamente o fato pouco comentado de que foi a maquete em tamanho real de uma experiência parecida, que viria a se chamar Brasília e distar cerca de 200 km dela.

Segundo Pires (2007), autora do livro “Goiânia – Cidade Pré-Moderna do Cerrado”, a capital de Goiás é um marco da arquitetura brasileira idealizada pelo urbanista Atílio Côrrea Lima, pós-graduado no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris (IUUP-Sorbonne), entre 1927-29. Para a autora, o urbanista de Goiânia inspirou-se no conceito das cidades-jardins, adaptado para a organização social da cidade (móveis do poder público e espaços de autogestão) através de uma espécie de bairros-jardins. O Setor Sul (bairro em que vivi até os 13 anos e que atualmente funciona como Meca do movimento underground, por concentrar vários estúdios de gravação e o Centro Cultural Martin Cererê) é o exemplo mais emblemático, com suas vielas e fundos de vielas ajardinadas, que se entrecortam em um labirinto urbanístico.

Cabe ressaltar, porém, que entre Goiânia e Brasília não existem pontos de intersecção relativos, meramente, à questão estético-simbólica do alto-relevo estilizado de seus traçados. O que, no entanto, não devem ser desprezadas na análise sociológica comparativa entre as duas cidades, pois que, segundo Halbwachs (2004), os grupos sociais tendem a imitar a inércia aparente da extensão espacial para salvaguardar de forma mais intacta determinados recortes sociopolíticos de suas memórias coletivas.

O mesmo conflito de (des)integração de memórias e utopias entre tradição-modernidade (velho-novo) que ocorreu no processo de mudança da capital nacional para Brasília (interesses das elites econômicas e políticas do Sudeste X restante do Brasil), anteriormente ocorreu em escala regional, de Goiás para Goiânia. Neste caso específico, essa transformação ocorreu através do embate político e mnemônico entre as famílias coronelistas e latifundiárias da colonial cidade de Goiás, como os

Caiados, e o fundador de Goiânia, Pedro Ludovico Teixeira, que representa a figura do visionário catalisador de mudanças, papel análogo ao que JK representou no âmbito nacional.

A memória coletiva que teceu na figura de Pedro Ludovico, um herói civilizatório moderno, vive franco processo de falta de impopularidade, assim como todos os políticos populistas trabalhistas de hoje que beberam na fonte de Getúlio Vargas. Haja vista que o movimento de ascensão nacional e estaduais de forças políticas ditas conservadoras (meio rural, p. ex) e modernização do capitalismo agrícola (agronegócio) no Brasil, em Goiás, resultou na eleição para governador de Goiás, em 2018, do ex-senador ruralista Dr. Ronaldo Caiado – descendente da família hegemônica na política vila boense (Vila Boa, atual cidade de Goiás, antiga capital do estado), deposta do comando político no estado goiano, cujo Palácio das Esmeraldas (residência oficial do governador) fica na praça central da nova capital, fundada por Pedro Ludovico para afastar o poder justamente da estirpe de tradição colonialista. Por alguns pontos de vista, destarte, doravante, em função da globalização que, apesar da fragmentação identitária, não anulou as identidades locais, mas obrigou a elas um rearranjo paratático, é possível dizer que o moderno/urbano (Goiânia) se tornou também arcaico e o tradicional/rural (Goiás Velho) se modernizou, de forma que ocorre um entrelaçamento confuso entre os conceitos outrora aparentemente mais identificáveis e coesos.

Nesse sentido, ao afirmar que “Brasília também é Goiás”, busco apenas apresentar como Goiânia serviu de rascunho para modificações arquitetônicas, antropológicas e históricas que veríamos posteriormente na construção de Brasília. Ou seja, Goiás não está na frase como sinônimo de conservadorismo e atraso, haja vista que o sentido de moderno e tradicional, mesmo em Goiás, como vimos, são constructos sociais articulados por grupos antagônicos que, na prática cotidiana social e política, revelam contradições com suas falas e estigmas a eles associados. Goiânia seria assim pré-moderna, segundo Pires (2007), por conciliar uma arquitetura tradicional com avanços arquitetônicos em uma escala bem maior do que a também planejada Belo Horizonte, construída décadas antes.

A edificação de um Centro Cívico na Praça Central, largas avenidas, arborização em áreas centrais, o não rebuscamento das linhas da cidade, a preservação das áreas de vale, o modelo de bairros-cidades é oriundo das mesmas preocupações urbanísticas ocorridas em Brasília, sendo que Goiânia retrata o período inicial de transição de paradigmas de estilos e opiniões para a arquitetura moderna. O pré-moderno pode ser traduzido como estilo eclético, em que estão unidos o moderno e o tradicional, bem como religião e arquitetura (arte-ciência), já que o traçado ainda apresenta forte cunho religioso.



Um mito de origem mais reconhecido da fundação de Brasília pode ser encontrado em várias publicações, com pouquíssimas variações, remetendo a uma antiga profecia. Em 1883, Dom Bosco teria sonhado que viajara pela América do Sul, quando chegou às coordenadas referentes aos paralelos 15° e 20° e vislumbrou o que seria “a terra prometida”, detentora de “uma riqueza inconcebível”. É possível perceber que tal visão do fundador dos Salesianos influenciou o processo de construção da cidade. A primeira edificação em alvenaria construída foi uma pequena capela em homenagem a São João Bosco, que se tornou padroeiro de Brasília, junto com Nossa Senhora Aparecida, a mesma que foi homenageada em Goiânia.

A pós-história dos pontos levantados todos já conhecem: Brasília foi construída como capital do país, modelo de cidade planejada modernista. Mas o fato é que esses três episódios mencionados são mitos de origem presentes no imaginário consciente e/ou inconsciente dos que vivenciaram e construíram a cidade, seja em uma perspectiva micro e/ou macro, familiar e/ou nacional, regional e/ou global, tradicional e/ou moderna. O entrelaçamento dessas variáveis é de difícil mensuração, dada a dinâmica aglutinativa do próprio tempo-espaço que se dilui no fato social. O que nos permite relativizar esses conceitos e, até mesmo, observar discrepâncias ou versões, que tornam, metonimicamente, a memória recente do Brasil mais visível, a partir de objetos empíricos quase invisíveis. Como, por exemplo, os depoimentos e anedotas familiares aparentemente banais e desprezíveis, eventos históricos regionais aparentemente desconexos sobre a construção de duas capitais planejadas terem sido feitos em tempo e lugares muito próximos e mitologias de origens de duas cidades com carga de religiosidade latente pré-histórica – seja por influência de um visionarismo profético de Dom Bosco, no caso de Brasília ou pela tradição católica do meio rural, no caso, de Goiânia. Afinal, os historiadores tendem a fazer história oficial, enquanto os atores sociais fazem memórias (ou esquecimentos). Já o estudioso de Memória Social tenta problematizar esses dois polos de interesses e identidades hegemônicos e contra hegemônicos.

A ocupação do Cerrado brasileiro a partir de Goiânia e Brasília, bem como a efervescência cultural trazida por ela apontam para a reunião de fatores para se consolidar um cenário propício para o desenvolvimento e diversidade microrregional. A instalação da nova capital modificou hábitos, valores e costumes da região, sobretudo, das cidades vicinais ao espectro de Brasília e Goiás – e por esse motivo gerou também antagonismos entre o tempo do suposto progresso e o do interior. Porém teve impactos desenvolvimentistas para além do Cerrado Centro-Oeste por ter criado uma “onda” de integração nos vários sertões brasileiros:

A nova capital, descontada sua grandiosidade arquitetônica, permitiu que dois terços do nosso território – que eram desalentadores “espaços vazios” – fossem conquistados. Pode-se dizer assim, e com maior segurança, que o Brasil só se tornou adulto depois da construção de Brasília. Durante toda a sua história (...) vivemos (...) “arranhando a areia das praias, como caranguejos” [Frei Vicente do Salvador]. O litoral foi, de fato, uma monovidência nacional. Vivia-se por ele. Agia-se em função dele. E o que o ocorria em relação ao resto do Brasil? (KUBITSCHECK, 1975, 11-12).

A “grandiosidade arquitetônica” adotada a partir do modelo modernista-funcional de Brasília, hoje considerado como obra prima e patrimônio da humanidade, contrasta com a capital nacional anterior cercada naquela época, e, também atualmente, por uma memória política e cultural de relativo acento monarquista ilustrado e republicanismo positivista. Mais do que a construção de um novo panteão, templos nacionais, a transformação do tempo também é patente: com a migração, muitos brasileiros e estrangeiros se lançaram na experiência de viver sob a égide das durações temporais da cidade-máquina (funcional, tendo a figura do avião e do plano cartesiano da física *newtoniana* como símbolos) em plena era da produtividade fordista.

Em termos gerais, Brasília impingiu a milhares de cidadãos brasileiros, goianos ou migrantes, a participação indireta em um experimento humano a céu aberto, com sua visão do horizonte, conformando um espaço polifônico e moderno. Instalada em uma região tida como atrasada culturalmente, a nova capital abriu um clarão de sugestões de ideais positivistas nacionalistas e modernos individualistas. A fala de uma goiana radicada em Brasília, ainda pequena, revela os dois lados dessa modernidade que cria condições psicossociais para um ambiente construído e vivido que não estimula muito relações gregárias. Isso para além dos conflitos e estigmas regionais, que é tanto consequência direta, como fator agravante, desse processo que, em algumas situações, podem levar a casos clínicos de sociofobia:

Se você aqui, em Brasília, tem oportunidade de estudar, ler, ter acesso a uma série de coisas que tão rolando no mundo – música, cinema, teatro, espaço universitário –, tudo isso, se você tem essa oportunidade, isso abre a possibilidade de você construir como um valor importante na sua vida, a liberdade e a autonomia. (...) a pessoa tem acesso a uma diversidade muito grande de informações, de mundos diferentes, né, de você, de repente, na sua

família você tem pessoas que vieram, né, de regiões, de países diferentes, você pode tá antenada com o que tá rolando no mundo. Brasília tem uma tradição de música, rock, agora de música eletrônica. Então, Brasília é uma cidade que tem uma coisa de tá antenado de coisas que tão rolando no Brasil e no mundo. Então isso abre os horizontes. (...) Brasília é assim mesmo. O carro do fulaninho, do desconhecido pifou, azar o dele, o carro é dele. Ele que resolve o problema dele. Então assim, é uma coisa ligada ao individualismo.

Este estudo das implicações e impactos sócio-urbanos e regionais da construção social e urbanística de Brasília, a partir de concessões e tensões geradas na relação estabelecida com Goiânia permite evidenciar alguns entrelaçamentos sociais, constructos de memórias e esquecimentos na formação cultural da identidade regional e familiar que tecem e são tecidas por tramas de uma colcha de retalhos da identidade de ordem também nacional. Os fluxos e redes migratórias sazonais existentes entre moradores, que circulam entre as duas cidades, são aqui nesta pesquisa representados pelos estudantes de Goiânia que vão estudar na UnB. Eles permitem apresentar o drama social da minoria regional goiana em Brasília, vítima e algoz de sua (auto) estigmatização e (auto) reificação em sua experiência de modernidade.

O círculo vicioso entre não aceitar, odiar, autoafirmar uma goianidade genérica, por meio das repúblicas de goianos, e nostálgica, pelo retorno constante à suas redes de socializações primárias e secundárias em Goiânia, em parte, só não era patente em alto grau em relação aos jovens do curso de Mecatrônica. Já que nesse caso, em 2005, a sala de aula é “tomada” pela maioria goiana em relação aos brasilienses e jovens de outras unidades federativas. Nelas, parecia ser possível um campo de experimentação mais seguro para os migrantes perceberem pedagogicamente a alteridade antropológica dos nativos com mais tolerância e menos revanchismo – e até criar redes de amizades desconstrutoras de estigmas regionais, apesar do risco iminente e latente de usar a força numérica para reforçar valores localistas regionalcêntricos:

A aceitação, você se sente mais receptivo na mecatrônica. Tem muita gente de Goiânia, é mais fácil interagir. Acho que a maioria das pessoas, que a gente conheceu, a maioria é tudo de Goiânia, agora nos outros cursos acho meio difícil as pessoas interagirem assim, não por exclusão é por causa que é outro estilo de vida, (...).

### 3 CONSTRUINDO O TEMA A PARTIR DA MINHA EXPERIÊNCIA COMO ESTUDANTE GOIANO EM BRASÍLIA - PLANO PILOTO/ UNB

A partir dos conflitos de memórias (e consensos de esquecimentos) entre representações culturais e identitárias de goianidades e brasilianidades manifestas, observadas na travessia dos “candangoiãos”, podem ser reveladas outras (representações culturais e identitárias), latentes, que apontam para entrelaçamentos de memórias entre goianos e brasilienses. É o caso da influência modernista compartilhada tanto por Goiânia quanto por Brasília e, também, herdada pela primeira capital, cuja construção foi iniciada em 1933, e por esta última, em 1956.

Pode-se considerar que a pesquisa de campo, propriamente dita, realizada com estudantes goianos da UnB, em Brasília (Asa Norte), ocorreu entre os meses de março a julho de 2005. Nesse período, retornei a Goiânia apenas duas vezes; permaneci em Brasília o máximo de tempo possível, como se soubesse que por trás da cidade eterna haveria homens perenes, gesto que soava estranho a alguns dos meus interlocutores goianos em Brasília, e mesmo a amigos em Goiânia. Mas, como estava ali na livre condição de aspirante à artista e antropólogo que já havia lido, diversas vezes, “Cartas a um Jovem Poeta” de Rilke (2003) e sobrevivido ao *antropological blue* após ler “Relativizando” de Matta (1987), solidão e alteridade eram minhas palavras de ordem. Além disso, com 22 anos de idade, já havia concluído minha graduação e acumulado recursos financeiros para poder me dedicar exclusivamente à complementação da minha formação profissional e pessoal.

Como se tratava de uma etnografia de entremeios, optei por não seguir, exclusivamente, o caminho do eterno retorno para Goiânia, nos finais de semana, de carona com meus conterrâneos. Fiquei e tentei encarar os impactos sociourbanísticos da arquitetura moderna desertificante e da sociabilidade pós-moderna individualista em Brasília, se comparados, em termos de percepção e imaginário urbano, por contraste relacional com o observado em Goiânia na mesma época. Os goianos, insuflados pela pouca distância geográfica e enorme distância simbólica com Brasília, costumavam somente evitar a visita semanal ou quinzenal a Goiânia nos períodos de provas, pois parecia ser difícil manter o mesmo ritmo de estudos em suas cidades com seus amigos de lá e seus convites para eventos sociais dispersivos.

Tipo assim, os goianos vêm muito e não ficam aqui em Brasília sacou? O neguinho é viciado na tal da Goiânia lá, não conhece, e o cara estuda cinco anos aqui e muitas vezes não conhece nada, volta todo final de semana,

tem namorada e ta sempre voltando pra Goiânia o tempo todo. (...). Esse lance de voltar sempre, a pessoa acaba não conhecendo a cidade que ta acolhendo eles de coração aberto, eles não conhecem mesmo não. (...) o que você conhece aqui? (...). É universidade casa, universidade casa e a saída pra Goiânia.

A minha prática de ficar, predominantemente, nos finais de semana em Brasília, teve como base o procedimento antropológico que permitiu uma relativa desnaturalização dos próprios vínculos, como sugere Roberto da Matta (1987), com minha cidade de origem, possibilitando que eu me deixasse “impregnar por outra”. No entanto, não deixei de empreender a travessia com estudantes goianos – já que estava fortemente enredado a eles através da pesquisa. A situação de travessia constante era, de fato, a condição dos mesmos, que já não estavam “lá” nem “cá”, mas no ir e vir de uma mobilidade “sanfônica” tremenda, ou uma dupla-identidade, ambas fragmentadas pelo erigir da migração na era global, passíveis, portanto, de ser vislumbradas à luz de uma Antropologia da mobilidade (AUGÉ, 2010).

O estudo do fluxo migratório de estudantes goianos na Asa Norte, em Brasília, circunferentes à UnB, que representa parte desta pesquisa, permite recontar minha “hestória” (memória + história) familiar, doravante, em interface com a regional e nacional, de forma a relativizar a dicotomia modernidade-tradição, que é associada a Brasília e a Goiânia, respectivamente. Os relatos de vida de jovens goianos dispostos a sacrificar seus vínculos cristalizados em Goiânia para trilharem a todo vapor uma suposta vida maquinica moderna, por meio do estudo universitário (no caso aqui abordado), podem ser interpretados como metáfora da reprodução da história do positivismo seletivo dessa região do país. Apesar de representar bem o arquétipo da cidade máquina (pelo cartesianismo funcional e setorizado que privilegia a velocidade, individualismo, impessoalidade e trabalho), Brasília, em estado de latência e silentes, não rompeu com as características coloniais excludentes brasileiras – expressas pela desigualdade sócio-espacial e *folks* sociabilizantes goianas, nordestinas e cariocas – expressos pela sociabilidade nas unidades de vizinhanças formais/informais, em eventos/ locais como festas juninas, aniversário de Brasília (Esplanada), feira de culinária nordestina da Torre de TV, o Comércio na Rodoviária, associações de moradores, clubes de vizinhança e de esportes náuticos (Lago Sul e Norte), gangues/turmas de quadras e bandas de colégio (universidades), que deram origem a cena rockeira na capital.

Outrora entusiastas do projeto da construção poética e física da cidade, à época de sua construção –, lembrando que JK foi senador por Goiás após seu mandato presidencial, demonstrando popularidade no estado, como

prova sua ligação pessoal com Toniquinho JK (o jataiense que fez a pergunta sobre a mudança da capital, no primeiro comício do presidenciável na cidade de Jataí em abril de 1955) –, a desidentificação de Goiás com Brasília foi grande o suficiente para ofuscar o patrimônio cultural moderno no estado que, também por questões políticas, econômicas e culturais (coronelismo clientelista, agropecuário latifundiária e música sertaneja), não soube acompanhar os sonhos de uma Goiânia visionária e cosmopolita.

O estranhamento dos goianos migrantes com Brasília, talvez seja, também, reflexo da frustração geral dos goianos com o seletivismo e cartesianismo positivista de Brasília. Eles passam a estranhá-la, justamente, pelo fato de que o formal progresso (regional ou pessoal) não abalou as reais ordens sociais coronelísticas do Brasil enquanto povo e país. Isto porque, em Brasília o sistema capitalista e individualista assume a figura personalista e tacanha do coronel das grandes estirpes de fazendeiros (advogados/médicos) goianos. Tal figura compõe um imaginário cultural que, pelo menos no cotidiano da UnB, não abrirá muitas portas. A cultura do individualismo e produtivismo, cuja espiritualidade religiosa não é tão marcada pelo catolicismo bom-samaritano, mas também por vertentes orientalistas e ecumênicas, que impõem outros termos de (des)harmonia social e mental, mais calcados em amizades “funcionais” (com hora marcada), que colide com a ética de boa vizinhança e de bem comum de compadrio 24 horas (alto grau de disponibilidade e intimidade social).

A visão sociológica, traçada por Berger e Luckmann (1985), de que o cotidiano influencia e se forma de maneira parecida com o conhecimento das ciências é interessante para pensar a questão da internalização dos condicionamentos sociais e a dificuldade de adequação espacial ao processo de ressocialização ou segunda socialização dos goianos em Brasília. Essa análise parece ser aplicável à situação crítica de contato regionalcêntrico entre goianos, que, em geral, não se adaptam à Brasília e aos brasilienses, e passam a resgatar, através das “repúblicas” de goianos no Plano Piloto, algum tipo de goianidade biopolítica que pode, em alguns casos, ser uma forma de auto estigma.

De maneira geral, como os brasilienses estigmatizam Goiânia e os goianos, estes estigmatizam aqueles e sua cidade, demonstrando o caráter interdependente da autoafirmação (estigmatização) regional contrastiva e seu efeito de violência simbólica espiral. No entanto, essas tipologizações ideais não são totalmente hegemônicas e se revelam em graus de variabilidade mutantes e contraditórios. Encontrei um brasiliense, repatriado em uma das repúblicas regionalistas de goianos, tendo participado de uma espécie de rito

de passagem dele, para celebrar a sua admissão na república dos goianos. Na ocasião, foi regalada a ele uma boa dose de cachaça goiana, ficando mais receptivo para “dois dedos de prosa”:

Meus pais não se dão muito bem entre eles, e eu não me dou bem com meus pais, acho que isso é uma situação bem comum aqui, choque de gerações, acho que as concepções de vida são bem diferentes, principalmente quando você vem de famílias com tradições em serviços públicos, eles ficaram muito estáticos, na vidinha deles e a gente tá procurando conhecimento, tolerância, eles não, têm aquela visão reta.

Em uma interlocução direta com a minha “hestória”, ambiguidade e tensão aparecem nesta ponte antropológica inter-regional através do pesquisador em campo, e se configurou no que chamo de “abismo epistemológico do ser”, quando na ânsia de encontrar um sentido de pertencimento mais cosmopolita, você se depara com os aspectos negativos da relatividade, da cultura (ausência de certeza), somente compensados com seus aspectos positivos (a certeza da diversidade). Apesar de tratar da multiplicidade cultural humana, os estudantes de antropologia do PPGAS (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UnB), no ano de 2005, estavam sob a égide do paradigma do lugar de fala, que incentiva pesquisas militantes e que tendia a valorizar o caráter étnico (social, sexual, regional e étnico) do pesquisador coincidente com o do grupo estudado.

Minhas pesquisas sobre os goianos de Brasília (a Brasília dos goianos) tornou-se, assim, uma maneira biopolítica de incluir a minoria goiana migrante no debate sobre o tema da migração e conflitos regionais, de me adequar ao momento histórico multiculturalista (Era Lula – 2003-2011). Tal ensejo permitiu-me fazer parte desse movimento de modernização antropologizante (problematizando minha tradição regional como forma de autenticá-la), mas que sucumbiu diante da resistência do etnocentrismo insuflado por disputas entre as minorias (e internamente), por verbas e visibilidades nas agendas das políticas públicas, o que acabou criando as condições culturais e políticas para o surgimento do neoconservadorismo no Brasil.

Evidentemente que minha pesquisa poderia causar melindres em alguns dos atores sociais envolvidos que, em graus variados, estavam propensos a defender um discurso regionalista mais comprometido com a localidade. Minha postura, justamente, revelava o aspecto nocivo do engendramento totalitário e cegueira moral com a cultura local, seja por razões de consciência histórica ou alteridade antropológica. Portanto, além de uma pesquisa etnográfica que apenas conseguisse reproduzir a sabedoria heurística do

senso comum e do cotidiano aos quais tinha acesso por meio da minha convivência diária na UnB com os estudantes migrantes goianos, se torna possível adentrar as portas do inconsciente coletivo de carona com suas travessias corporais e imaginárias, na medida em que eu não queria e nem precisava me reduzir a esses fluxos e grupos sociais dos meus conterrâneos.

Por não ser antropólogo de formação, fui, inclusive, desaconselhado, por professores, a tratar o tema da goianidade por ser autobiográfico, o que dificulta a busca pela excelência no grau de isenção analítica. Por tal motivo, era de suma relevância apresentar meu lugar de fala que, no caso, era do goiano que estudava e congregava com estudantes de antropologia social das mais variadas “tribos” indígenas e urbanas brasileiras. Em prol de não ficar dependente somente das minhas memórias e vivências, como material de pesquisa, recorri ao método da antropologia dinâmica ou histórica que me permitia pensar com o distanciamento adequado o caráter “histórico” e “dinâmico” do meu sistema de crenças e valores (e dos meus conterrâneos-contemporâneos), socialmente construído. O sentido conceitual dos discursos e estigmas dicotômicos de ruralidade e cosmopolitismo em relação, respectivamente, à tradição e modernidade, Goiás e Brasília, começavam a se revelar precários, apesar de parecerem irredutíveis, em uma primeira mirada.

O estudo historiográfico da pré-história de Brasília e Goiânia permitiu perceber que há uma ancoragem geográfica naturalista como o saber/prática local sobre a relacionalidade das duas cidades: Goiânia (subproduto da Revolução de 1930) influenciou na construção da nova capital federal) e na cultura conservadora rural em Brasília (festas juninas, clubes de vizinhança, ...). Apesar de vasta literatura sobre história urbana e impacto social da construção de Brasília –, em que a modernidade e diversidade sócio regional são vistas como falsas promessas, haja vista que os migrantes pobres nordestinos, construtores, de fato, da cidade, foram varridos, prioritariamente, para suas bordas (cidades-satélites) –, havia um silêncio sobre a memória goiana na cidade, no passado e no presente.

Dos antigos proprietários de fazenda do sertão goiano, onde se ergueu Brasília, à sapiência discreta de Toniquinho, à presença pouco lembrada dos braços goianos que trabalharam na construção civil durante as obras da cidade, conhecidos por serem mais nostálgicos do que os nordestinos que vieram de muito longe, passando pelos goianos que trabalham na cidade e tem empresas nela, além do famigerado (no Plano) e amado (nas periferias) político Joaquim Roriz e estudantes goianos da UnB, há um sentido de goianidade migrante, que aponta para uma configuração social mais complexa do que uma rivalidade radical, mas, que perpassa uma busca de interculturalidade mútua.



## 4 MEMÓRIAS ENTRELAÇADAS NAS TRAVESSIAS DOS “CANDANGOIANOS” EM BRASÍLIA – OBSERVADAS DO ALTO DO CRISTO REDENTOR

O estudo do fenômeno contemporâneo da mobilidade regional de estudantes jovens goianos em face da sociabilidade peculiar no Plano Piloto – alardeada como modernamente individualista e, ao mesmo tempo, supostamente regional e etnicamente tolerante – é a chave mestra para testar o mandamento brasiliense da “diversidade” local.

Não havia endosso social acadêmico ou leigo para o meu trabalho. Meus interlocutores pessoais e universitários de Brasília e de Goiânia estavam por demais envolvidos em suas existências para desejar trazer à superfície confrontações pessoais em relação a um latente conflito regionalista de caráter simbólico que, apesar de existir, não parecia exigir grandes debates como aqueles entre palestinos e judeus, por exemplo, em guerra discursiva declarada e também bélica. Em Goiânia, cuja cultura tem forte acento e herança da oralidade tradicional rural, hierárquica e cristã, a dificuldade retórica surgia do receio localista de fragmentação identitária ao abrir essa caixa de pandora da modernidade guardada no porão, a sete chaves, com segredos de família. Já em Brasília, a dificuldade de debater esta questão em rodas sociais dizia respeito a própria falta de ocasiões para expansividades gregárias, acrescido de que tal temática é famigerada por comprometer o mito da capital da diversidade.

O preconceito contra goianos é velado porque ele compromete o elogio exaltado ao multiculturalismo de Brasília, ainda que ele possa ser naturalizado como uma espécie de licença poética para matar um terrorista simbólico e salvaguardar a regra da diversidade seletiva, haja vista, que os goianos são percebidos em si como conservadores, ou seja, antimodernos. Por outro lado, raras são as iniciativas reflexivas e políticas de goianos de classe média que tenham problematizado e militado sobre a goianidade ofuscada pela distritalidade. Pois tal intento parece contrapor a certa ética goiana do catolicismo calcada no princípio da fraternidade universal e boa vizinhança sem espaços para “protestantismos” regionalistas, como os que pareciam esboçar uma república (“dos goianos”) de entrevistados goianos que tinham uma bandeira do estado na sala de estar.

O caráter multissituado da minha condição de pesquisador, evidentemente, afetou a minha vida pessoal, que passou a sofrer um processo de dissociação identitária: não era mais goiano, nem brasiliense, talvez, de Anápolis. Por tal desidentificação mnemônica com as correntes de pensamento social hegemônicas em Goiânia e Brasília, mudei-me para o Rio de Janeiro em uma espécie de autoexílio, tendo engavetado meu desejo de

concluir a pesquisa por vários anos depois. Após esse (auto)silenciamento das reminiscências individuais e coletivas da experiência de migração em Brasília, desarquivei o projeto iniciado na condição de aluno especial no mestrado no PPGAS/UnB. Cabe registrar, que tal projeto, referente à migração goiana em Brasília, foi preterido, por duas vezes consecutivas, em função do tema e minha origem regional e acadêmica (comunicação social). Um local aparentemente neutro como o Rio de Janeiro, já que meus interlocutores cariocas, eternos ressentidos da perda da capitalidade federal, pareciam gostar de saber que na nova capital, nem tudo eram flores de ipê. Esse deslocamento para o Rio permitiu o distanciamento necessário para compreender o “efeito sanfona”, no qual minha identidade (estudante e goiano) passou a sofrer com a experiência de morar nas duas cidades (Brasília e Goiânia), tão próximas, mas tão distantes. Antagônicas, mas no fundo complementares, em função das reciprocidades e animosidades entre Brasília-Goiânia e Goiânia-Brasília.

Mas a experiência no Rio de Janeiro levantou também outras questões, fundamentais para a análise sobre identidades regionais no Brasil. Na cidade dita maravilhosa me defrontei com o olhar sobre o cerrado que, muitas vezes, encara Goiânia e Brasília sob uma ótica homogeneizante e, por este motivo, borra as fronteiras defendidas por goianos e brasilienses. O contraste, desta maneira, ocorre em outros termos. O Rio de Janeiro possui uma centralidade construída historicamente, mas que vem sendo abalada, marcadamente, devido à transferência da capital federal para Brasília. O que não afetou sua capitalidade cultural, até mesmo por motivos patrimoniais e arqueológicos – ademais muitas entidades federais como a Petrobrás e as Forças Armadas mantiveram suas estruturas no Rio como matriz operacional. Pude também observar que o olhar do Rio de Janeiro em direção à Brasília é afetado particularmente por ser “lugar dos políticos” e da corrupção. A estigmatização social recai sobre Brasília, classificada pelos cariocas, em geral, como a maior obra de corrupção de que se tem notícia. Talvez nesta percepção esteja embutido certo sentimento de perda, por ter sido “roubada” a primazia de guardiã da política brasileira, herdada pela família imperial, que escolheu a cidade para desfilarmos sua pompa real em períodos pouco nobres de sua história (invasões napoleônicas).

Cabe aqui apenas enfatizar o lugar ocupado pelo Rio de Janeiro no processo reflexivo deste trabalho, já que foi nesta cidade que minha tese sobre o tema foi concluída. Além disso, muitas das considerações feitas sobre as retóricas regional-identitárias existentes entre goianos e brasilienses só foram possíveis ao redimensioná-las em comparação com a “centralidade simbólica” atribuída ao Rio de Janeiro em relação aos outros estados. Tal lugar, ainda que atualmente questionado (LOUREIRO, 2006), afeta o destino social de outras cidades do país, inclusive Brasília, por atuar como irradiador e formador de opiniões através do esporte, música, teatro e TV. É que as

memórias coletivas e seus jogos de disputa por oficialidade historiográfica não costumam respeitar as plantas arquitetônicas modernistas que queriam fazer do sertão goiano tábula rasa do Brasil de primeiro mundo. Motta (2000) aponta a existência de duas “memórias sobre a capitalidade” que discorrem sobre a transferência da capital. A primeira corrente de interpretação se pauta pela negatividade, ao entender que “ao glorioso passado de centro político e cultural do país teria sucedido o presente de decadência (MOTTA, 2000, p.3). A autora:

considera que o pecado original do Rio de Janeiro foi ter sido capital por tanto tempo. A excessiva dependência do governo central teria impedido que a cidade se preparasse devidamente para resolver os seus problemas de forma autônoma, melhor maneira de produzir cidadãos e governos responsáveis (MOTTA, 2000, p.3).

Sobre a possível relação entre Goiânia e Rio de Janeiro (Sudeste), o que ocorre é sua ausência, já que raríssimas vezes a cidade do Centro-Oeste teve alguma visibilidade midiática capaz de romper com esse não-lugar no imaginário dos cariocas, sendo a desinformação a tônica neste tema. Esse fato resulta em um tratamento superficial dos acontecimentos ocorridos em Goiânia e em outras regiões do cerrado.

Espaço e atores estão envoltos pela dinâmica tradição-modernidade, na medida em que condições ou nomeações dão a tônica das narrativas de brasilienses e goianos, e estão presentes como categorias muitas vezes acusatórias. Goiânia e Brasília são qualificadas quase sempre como díspares e identificadas a códigos contrastantes, enquanto, de fato, cada uma apresenta características singulares, bem como compartilham outras. Goianos e brasilienses estão em permanente mobilidade, levando consigo experiências marcantes em suas trajetórias e transformando os espaços que os recebem. Sobre os impactos dos deslocamentos dos goianos, visto à luz das trajetórias de jovens goianos estudantes da UnB, nota-se que os vínculos de origem são realçados e mantidos durante a permanência na universidade, por meio de duas estratégias recorrentes de afastamento e aproximação: repetidos retornos à Goiânia e de convívio próximo com conterrâneos. A UnB tem papel fundamental por ser uma espécie de réplica do próprio Plano Piloto, a começar pelo seu prédio central, apelidado de “Minhocão”, que tem também o formato de asa de avião. Ao contrário de outras capitais, cujos campi de suas respectivas universidades federais, estão localizados em zonas afastadas, o maior campus da UnB (Darcy Ribeiro) fica na área central da cidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PAZ VIRÁ DE TREM MINEIRO EM MEIO À PAISAGEM DO CERRADO?

Diante da possibilidade de integração via ferroviária de cargas e passageiros entre Goiânia e Brasília, no caso, através do Programa de Aceleração do Crescimento do governo federal (PAC), inicialmente, prevista para 2017, mas, ainda não concluída e sem nova previsão para tal, novos contornos regionais identitários podem fazer necessário à novas pesquisas. A ligação entre essas cidades planejadas, relativamente próximas, em termos espaciais, mas distantes em termos culturais, trará uma dinâmica nova, capaz de gerar novos impactos identitários coletivos e individuais – desde agora através de reportagens nos jornais locais e nacionais ou mesmo pela própria junção de mão de obra dos dois estados na construção da linha férrea. Espera-se que esta pesquisa etnográfica possa se somar a esses esforços integrativos por apresentar alguns paralelos germinais pré-pré-históricos, pré-históricos e históricos (história de longa duração) entre Brasília e Goiânia, que sugerem relativização das diferenças regionalcêntricas em meio a territórios simbólicos com fronteiras de identidade “cerradas” entre as duas localidades.

Evidentemente, que subjacente a essa questão colateral, surge uma nova: se esse discurso localista que cria um abismo epistemológico do conviver entre duas cidades planejadas não seria, também, uma reprodução radicalizada dos conflitos regionais entre Rio e São Paulo, e o ainda hegemônico econômico e culturalmente Sudeste e o ainda promissor Centro Oeste, mas sempre estigmatizado e exotizado, como terra de ninguém e como caixa d’água do Brasil. O fato é que é dessa *heartland* madrastra, que se tornou Brasília, é de onde se espera um coração de mãe generoso com os demais estados da Nação, um norte, sobretudo, para o esquecido Norte do país, nas formulações de políticas públicas de desenvolvimento social, proteção ambiental e integração nacional.

Cabe ressaltar que por ser essa uma autopesquisa que se insere dentro do espectro de influência moderada dos Estudos Culturais (*Cultural Studies*) e, justamente, por se tratar de uma situação multissituada com deslocamentos físicos e simbólicos vividos no contexto de Brasília e da UnB pelo pesquisador, é o que me permite esquivar de certo risco do localismo cultural monolítico, naturalista e essencialista, inerente em maior grau a toda pesquisa sobre seu local ou grupos (étnicos, sociais, regionais, culturais ou religiosos) de origem.

Por eu ter apresentado minha cultura de origem em um *approach* acadêmico positivo, discurso valorizado em Brasília, onde a Universidade, bem localizada, se confunde até mesmo com o traçado urbanístico da cidade (ambas tem o *design* de um avião), aponto para a perspectiva gramscianiana

de ação transformadora contra-hegemônica – guerra de posição ou homem a homem (CARNOY, 1988). Tento utilizar da superestrutura da própria cultura e classe hegemônica, no caso a brasiliense, para desenvolver algum tipo de liderança intelectual que me permita criar os anticorpos contra o processo de interdependência do tipo assimétrico (ELIAS; SCOTSON, 2000) entre, quase sempre, goianos *outsiders* e brasilienses estabelecidos em Brasília, em que os primeiros estão colocados e se colocam – já que se trata de um duplo vínculo não passível de vitimização – em situação de inferioridade relacional.

Da iniciativa nacional desenvolvimentista – que gerou avanços de desenvolvimento regional, projeção internacional, inserção cultural do Centro Oeste, clivagem social e violência urbana no entorno de Brasília – ainda se semeia o sonho de um Brasil dos sonhos, miragens miraculosas no cerrado brasileiro. Os goianos estudantes da UnB são os novos Toniquinhos – entusiastas menos fervorosos, talvez, – com suas perguntas capciosas na ponta da língua, pois têm tido destacadas performances nos vestibulares em vários cursos disputados da universidade. O que acaba por reforçar, ao invés de minorar, as estigmatizações sociais entre os dois grupos regionais a corromper o lema de diversidade e esperança associado à Brasília.

Conflitos de cunho inter-regionais-identitários, concernentes a questões territoriais (perda de jurisdição) e estudantis (vagas da UnB) entre goianos e brasilienses em uma configuração social de interdependência desigual, em que o grupo de brasilienses figura, quase sempre, como estabelecidos e os goianos, *outsiders*. O significado político do estigma é bem delineado, no sentido, de anunciar regionalcentricamente o inimigo coletivo como sendo o goiano; para defender o território espacial e simbólico de história urbana ainda recente: Brasília, vagas da UnB, residências na Asa Norte e a própria identidade moderna modernista – a partir do imperativo localista, em que a fala do lugar deve se confundir com o lugar de fala do nativo, ou seja, a sua língua cultural e o “sotaque” formal, mesmo no caso de Brasília, que não apresenta em termos filológicos como um sotaque e ascendência regional única, no que é revelado o caráter de inclusão e positivismo seletivo de Brasília para com alguns extratos regionais brasileiros, como o goiano.

Outrossim, a situação do estigma regional dos goianos em Brasília aponta para que, independente do comportamento dele, seja tradicionalista, ou moderno – como o é ser aprovado na peneirada capitalista do mercado universitário que é o sistema de vestibular da UnB (mesmo o ENEM, sob o ponto de vista do estigma regional *outsider*) –, só existe um signo associável ao goiano: o anti-moderno. O que o desestimula a autoafirmar sua modernidade latente, tanto para os nascidos em Goiânia, capital modernista planejada pelo que havia de mais vanguardístico no urbanismo francês e inglês, como para o interior do estado de Goiás, onde o *agrobusiness*, com seus faustos tratores

de rodas gigantes a girar grande parte da economia brasileira, intimidada até peão de rodeio. Assim, tende a ocorrer uma generalização e banalização do outro, no sentido de que sua individualidade e pluralidade de sua sociedade são negadas, a partir da convicção normativa de preconceitos regionais finalistas do que é a experiência da goianidade de todos os goianos. Isso implica desprezo de seus laços com a modernidade modernista e globalizada, ou mesmo possíveis ambiguidades e variâncias comportamentais internas no interior da cultura. Ou seja, performance social e história de vida do indivíduo para além de sua localidade, de onde herda o estigma do lugar.

Esse preconceito gerador do estigma acaba, no entanto, por constranger o outro a se comportar exacerbadamente de acordo com o traço inadequado previsto no *script* preconceituoso e estigmatizante do grupo estabelecido, no que se reitera o papel social atribuído pelo estigma externo, agora, de forma mais internalizada. No caso estudado, uma vez que levado a auto excluir-se, sincronicamente à exclusão propriamente, da sua centelha de identidade moderna e individualista, muitos goianos tendem a se proteger sob o manto divino e sagrado de sua coletividade paternalista e conservadora de descendência rural ou interiorana, a partir de elementos da memória coletiva arquetípica (autoestigma) e do próprio estigma regional externo.

Cria-se, destarte, um círculo vicioso que nem a idêntica métrica silábica e derivação sufixal na formação das palavras “Goiânia” de Goiás e “Brasília” de Brasil, ou mesmo a morfogenética histórica que faz da primeira cidade, para a segunda, um ensaio arquetípico pré-moderno em escala regional de transferência de uma capital tradicional para uma inteiramente planejada, são suficientes para operar a negação da negação da ancestralidade moderna goiana sobre Brasília. Nos quatro cantos dessa fazenda federal, quadrilátero territorial que também é moldura da obra futurista (ou ficção científica) chamada Brasília, os ecos de goianidade moderna e da goianidade tradicional ecoam como mantra para quem souber silenciar a mente com as vozes do passado.

Apesar de constituírem exceções, há alguns casos de adaptações espaciais e regionais relativamente satisfatórias de candangoianos que poderiam ser relatados, mormente, daqueles que se casam com nativos e/ou moraram/estudaram em outros países/estados, o que facilita o exercício da diversidade cultural em Brasília e os blinda dessa associação semântica imediata com o estado vizinho. Essas exceções não minoram o sentido da crítica aqui da “corrupção” urbanística incorporada no cotidiano de um projeto e prática elitista e seletiva de cidade/nação em relação a desigualdade regional brasileira, como já é conhecido em relação aos nordestinos apartados, espacialmente do Plano Piloto. Mas também dos goianos que, mesmo alojados na parte norte do avião federal, são (auto)excluídos simbolicamente

do voo pleno na modernidade. Esses moradores, cujas identidades, redes e memórias psicossociais são silenciadas e estigmatizadas por meio de práticas discursivas e sociais corrosivas da goianidade no local, no entanto, se apropriam de Brasília. E mesmo que não queiram ou nunca voltem a famigerada Brasília após a faculdade, suas vidas terão sido marcadas por essa aventura moderna, no sentido de internalizar um programa novo de automação corporal funcionalista (produtivista), como expresso, pela árdua dedicação, por muitos goianos, aos estudos universitários, grande diferencial futuro para enfrentar o mercado de trabalho capitalista global cada vez mais competitivo e volátil.

À guisa de exemplo de como, no entanto, a possibilidade de canal de troca mais fluente entre as duas regionalidades, cujos nós dos esquecimentos e conflitos só servem para comprovar a existência de entrelaçamentos de memórias e identidades, implicam memórias, citarei uma anedota: a primeira vez que me deparei com o sentido mais amplo de goianidade em Brasília ou que espera que se entenda por sinônimo de distritalidade em Goiás, foi quando criança, em Goiânia. Costumava ir a um prédio de um amigo de infância no Setor Universitário na divisa com o Sul, cujo nome era Super Quadra. Era um conjunto habitacional de prédios de quatro ou cinco andares (sem elevadores), com apartamentos de dois quartos. Estes tinham uma numeração complexa, por blocos, que, para a minha idade da época, tornava morosa a localização. Mais tarde, quando me deparei com a forma de endereços em Brasília, percebi que aquele conjunto de prédios de Goiânia, livremente inspirado naquela capital, era brincadeira de criança, perto da falta de orientação espacial em Brasília por inaptidão cartesiana de muitas pessoas (que acham mais fácil decorar nomes de generais da ditadura e fidalgos da corte).

O conhecimento da história permitiu perceber que Goiânia também é oriunda dos primeiros lampejos do planejamento modernista de Brasília, tanto quanto esta influenciou aquela diminuta Super Quadra de Goiânia. Na época de faculdade, uma colega mineira que morara em Brasília viera morar justamente ali, talvez como estratégia de reatualizar a memória coletiva antiga dentro do contexto novo, para reduzir os efeitos do deslocamento físico. Anos depois eu entendera que aqueles predinhos azuis e brancos e aquela garota falsa magra sintetizariam muito bem o sentido de meu movimento kamikaze ziguezagueante em torno dos entrelaçamentos de memória familiar, regional, nacional e global.

Em Brasília viria a morar em uma Super Quadra tamanho família e me tornei virtualmente um expoente tardio (penetra) do Clube da Esquina, ou Música Popular Mineira (BORGES, 2004). Afinal, a partir da leitura hipertextual (sonora) do livro “Memórias do Clube da Esquina, em Brasília, ao contrário de

Belo Horizonte, a primeira capital planejada do país, não havia muitos amigos e nenhuma esquina. Que a chegada do “trem azul” entre Brasília e Goiás possa completar a obra de JK para que mais goianos e brasileiros possam embarcar no avião de Lúcio Costa amistosamente para contemplar o belo horizonte que é o “céu de Brasília” .

Enquanto isso não chega, enquanto “arteteto responsável” (ASSIS, 2019), formatei um projeto de urbanismo poético com intervenções musicais e literárias: “*Clube do Horizonte: uma viagem musical com o Clube da Esquina 2.0 pela cidade sem esquinas*”: Projeto poético-musical de arte integrada (música popular e literatura teatral) sobre o movimento musical mineiro Clube da Esquina. Ao propor uma tecnologia de paz urbana a partir de uma epistemologia local de horizontalidade intersocial, étnico-racial, religiosa, regional, nacional, corporal, etária e sexual. A obra se apresenta como uma coordenada estética e cultural crítica em relação ao enfraquecimento da esfera pública e relações sociais presenciais na atual sociedade (pós) moderna e ao urbanismo modernista “sem esquinas” de Brasília, por vezes, socialmente desagregador.

## NOTAS

<sup>1</sup> O exemplo máximo da expressão coletiva da “saude” (palavra que só tem o significado pleno como conhecemos na língua portuguesa) é a antiga capital, cujos lugares de memórias sedimentados de forma inercial pela arquitetura portuguesa colonial que se tornou patrimônio histórico da humanidade (UNESCO), invoca uma reatualização de sua ancestralidade braso-ibérica com evento oficial do governo estadual de transferência simbólica da capital de Goiânia para Cidade de Goiás.

<sup>2</sup> A expressão “candangoiano” não é um neologismo por derivação aglutinativa. Aponta para o sentido comum de identidade que o esforço migracional arquetipicamente desperta, tanto em goianos como em nordestinos (candangos), travessias físicas com nostalgias afetivas. Ademais, seria descabida a comparação *ipsi liter* com os nordestinos e seus descendentes, haja vista que os goianos estudantes do Plano Piloto, de classe média, em geral, estão a 200 km de casa, podendo volver todos os finais de semana (apesar de sentirem quilométricas saudades). Também destoa aberrantemente da maioria dos nordestinos oriundos de classes trabalhadoras das cidades satélites – há nordestinidade, pelo menos, no Plano, a julgar pelo setor de artigos nordestinos dos supermercados. O termo “candangoiano” tenta pegar carona na boleia do caminhão pau de arara dos retirantes. Tem significado político de direito a diferença igual ao que “candango” tem assumido mais recentemente (Museu do Candango, p. ex.), após ter sido vil xingamento por muitos anos e ainda hoje, dependendo do contexto da fala. O que não impede de ter se tornado também um símbolo metonímico interespaial e social de distritalidade, mormente, entre os jovens de todo o Distrito Federal, que se referem uns aos outros como “candangos”. Em regiões limítrofes com Goiás em que a musicalidade e festividade sertaneja goiana e nordestina se comungam no mesmo território de



pobreza material, talvez “candangoiano” assuma contornos identitários conceituais e práticos aproximativos com o “candango”, no sentido original. Por outro lado, pode-se perguntar se a alta criminalidade nas bordas do DF, talvez, não tenha como motivação algum conteúdo conflitivo de raiz regionalista entre migrantes e descendentes goianos, nordestinos e distritais, para além da exclusão socioeconômica e cultural educacional, que parece não escolher regionalidade e ancestralidade nessas terras de ninguém da “terra de ninguém” (Brasília).

<sup>3</sup> Para proteger a identidade de todos os/as interlocutores de nossa pesquisa de campo, atribuímos-lhes nomes fictícios. Um jovem, que chamamos de “Uberlandino Buarque”, pois que oriundo de Minas Gerais, comentou que havia se mudado para a cidade de Brasília, que conseguiu aprender mecanismos de sobrevivência cultural, por exemplo, ressaltou que: “O brasileiro é mais frio. Tem que respeitar esse lance. Cada pessoa tem um jeito. Meu jeito é ficar na minha, por exemplo, chega um bicho, não de Goiânia, mas de cidade do interior que é mais falativo, nego meio que vai excluir. Esse lance o brasileiro nota muito, ele vai ver o tênis que você tá usando, vai ver a marca que você tá usando, você é filho de quem, aqui tem muito disso né? Se você é filho do fulano de tal, que é ministro e tal, tem muito disso. Aqui tem esse lance meio elitista. (...). Não que elas sejam superficiais, mas elas são mais custosas, com mais regras sociais para você arrumar uma amizade forte. (...). Brasília é muito panelinha, isso que eu falo, por Brasília ser muito pequena, as pessoas ficam com receio de se mostrar fica todo mundo no meio. Mediocridade no meio, ninguém quer botar a cara pra fora, pra não ser reconhecido, não ser tachado, não sofrer com esse mecanismo de frieza.

<sup>4</sup> Cabe lembrar que o significado de república comporta várias escalas que nem sempre foram equacionadas na esfera de nação (cidades repúblicas italianas, p. ex.) e que seu uso mais recente se refere a esse da residência compartilhada. Os membros da “República dos Goianos” –, uma vez, confrontados em uma situação de fronteira regionalista mais explícita do que quando se referia pejorativamente ao brasileiro apenas por clichês vagos e distantes, como “os caras que vinham roubar nossas mulheres” nas micaretas fora de época em Goiânia, e que, agora, estavam na condição inversa de serem percebidos como invasores e usurpadores de vagas “nativas” –, apresentavam um sentimento político de localidade mútua genérica, o que era pouco comum em Goiás no período pesquisado. Grupos culturais localistas especializados, em geral, ligados à música rockeira, regionalista ou sertaneja, que por sua experiência de alteridade inter-regional defendem ideologicamente posicionamentos muito herméticos de identidade regional goiana, e, por isso, não conseguiram até o presente momento criar pontos de identificação comuns desimplificados, capazes de unificar as tribos. Por falta de coesão, melhor para a vovó Cora Coralina que continua vendendo seus docinhos poéticos em escala global.

<sup>5</sup> Depoimento de Otávio Simplício, extraído da pesquisa de campo de Frederico Assis em 2005 e 2006 no Plano Piloto, base de dados etnográficos da sua dissertação e do seu livro, respectivamente: ASSIS, Frederico. **Brasília também é Goiás: memórias entrelaçadas entre dois brasis regionais (Goiânia-Brasília)**. Rio de Janeiro: UNIRIO (tese de mestrado), 2013. Disponível em: [HYPERLINK “http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss323.pdf”](http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss323.pdf) \hwww.memoriasocial.pro.br/documentos/Dissertações/Diss323.pdf (acesso em 11/04/2018) / ASSIS, Frederico. **Tradição da modernidade: memórias e mobilidades goianas no urbanismo de Brasília**. Editora Brasília Teimosa: Goiânia, 2019.

<sup>6</sup> Depoimento de Tamarindo Santillo, extraído da pesquisa de campo de Frederico Assis em 2005 e 2006 no Plano Piloto.

<sup>7</sup> Depoimento de Estevão Sardinha, extraído da pesquisa de campo de Frederico Assis em 2005 e 2006 no Plano Piloto.

<sup>8</sup> Cabe lembrar que –, apesar do estigma negativo dos goianos e a suposta goianidade rural, indistintamente associada a todos, inclusive aos ouvintes do pós-rock da pré-moderna Goiânia –, a política brasiliense é dominada pelo político goiano Joaquim Roriz e seus descendentes sanguíneos e afiliados políticos, que têm como “curral eleitoral” as cidades satélites. A explicação provável para isso é que as marcações e identidades sociais são menos cerradas na região de fronteira com Goiás e Distrito Federal, o que é percebido também na preferência musical: forró e sertanejo. Poética e fisicamente excluídos da utopia de progresso, incluídos no lado de fora da ordem cartesiana e positivista, acabam tendo no populismo corrupto da velha república o caminho mais fácil para não serem varridos do mapa pelo cartesianismo impessoal e desumanizado do Plano e de muitos dos seus moradores conservadores e preservacionistas do tempo moderno e espaço modernista para além dos limites do Plano Piloto. Espaço geoafetivo esse, que teve como expoente personificador, a figura do educador e ex-governador Cristovam Buarque, cuja gestão é acusada de ter perseguido ou sido negligente com o direito natural da livre ocupação em áreas civilmente previstas para ser área industrial (Vila Estrutural). Cabe à autocritica que eu, enquanto pesquisador das minorias regionais goianas em Brasília, apesar de ter vivido em Sobradinho por 2 semanas antes ir para o Plano, não optei por um cotidiano e uma mirrada etnográfica mais densa nessa microrregião, e que poderia, inclusive, ter me permitido desenvolver redes sociais menos competitivas e funcionais para sobreviver ao eugenismo regional do Plano. E leguei a essa possibilidade o mesmo tipo de *apartheid* que aqui o faço: somente uma página de rodapé. A anedota metalinguística ilustra como o espaço tende a nos “conformar” intelectualmente.

<sup>9</sup> Depoimento de João Arruda, extraído da pesquisa de campo de Frederico Assis em 2005 e 2006 no Plano Piloto.

<sup>10</sup> O que me faz pensar que este deve ser mesmo um tema maldito na cidade e universidade. Mas, mais que isso, aponta para os possíveis usos e abusos políticos e sociais das ciências, no sentido de combinadamente naturalizar territórios/localidade e legitimar discursos/saberes, sem levar em conta as demandas locais e reais mais urgentes e os seus critérios epistemológicos de busca incessante pela objetividade e universalidade – mesmo que a partir de um lugar de fala específico.

<sup>11</sup> Interessante pensar que ao contrário do que a palavra “cerrado” sugere em termos de fechamento, em territórios de conflitos – até mesmo bélicos –, os biomas e árvores típicas dos países ou regiões costumam, em si mesmos, apontar para uma mensagem de unificação. Afinal, elas, amiúde, como as oliveiras no Oriente Médio, percorrem todo o território litigioso servindo como fonte nutricional gastronômica para ambos os lados da contenda. No caso de Brasília e Goiânia, o cerrado é um bioma comum aos dois locais, que, se bem utilizado em termos culturais e simbólicos, pode criar unidade identitária subliminar entre as duas localidades percebidas como distintas. Um exemplo de uso bem

sucedido disso foi o clip da banda brasileira Nativus (Natiroots) “Liberdade pra dentro da cabeça”, que se desimplicou essa fronteira socialmente construída entre goianos e brasileiros, a partir de imagens e letras que faziam menção ao bioma do cerrado, mais especificamente, ao santuário goiano ecológico e espiritual de Alto Paraíso de Goiás.

<sup>12</sup> Por processo de transferência vinda da colonial Vila Rica (atual Ouro Preto), o que depois se repetiu com o processo de construção das capitais planejadas de Goiás e Brasil, que foram por transferência de cidades coloniais como Cidade de Goiás e Rio de Janeiro.

<sup>13</sup> “Meu maior sonho era voar num avião/ E ao mesmo tempo ficar bem preso no chão,/ Decolar e aterrissar/ quando eu quiser./ Mas me perdi num vôo que sem direção,/ Me mostrou ares bem mais altos que a razão/ Não podia imaginar,/ Pensar, se quer./ E na minha queda, aprendi que é sempre o chão/ Que a gente volta, quer queira, quer não./ Aprendi a planejar/ Pra eu poder/ Ser livre como as asas de um avião/ Viver a 10.000 pés, mas com os pés no chão/ No infinito, encontrar o zero, o vôo/ Para poder retornar./ Mas já concreto era o sonho que eu quis/ Há muito tempo em um sonho de país/ Com a água a fluir/ Pelo cimento./ O horizonte lá é belo e por um triz,/ Mas o seu porto é alegre e feliz./ O barulho do motor é som,/ É vento./ Dá pra voar, criar meu 14 Bis/ E pôr um bico no meio do nariz./ Eu já vou poder sorrir, rir, rir, viver/ Igual a um pássaro, igual a um avião/ Numa precisa preciosa imprecisão,/ Voar no céu, mas com a sombra lá no chão/ Nesse avião, vou pousar./ Nesse avião, vou pousar Para depois decolar/E quando o novo pousar,/ Meu sonho vai decolar...” Samba do Avião N.2 (Fred Le Blue).

<sup>14</sup> Referente ao movimento Artetutura e Humanista, que utiliza a noção de projeto da arquitetura e urbanismo para incluir o pensamento artístico como estratégia de políticas públicas urbanas, sociais e culturais.

<sup>15</sup> O intuito aqui é fortalecer o poder da ferramenta literária e musical em acessar o inconsciente e a memória individual-coletiva, no caso, o do cancionista mineiro na MPB – mas também roqueiro brasileiro no Rock Nacional –, para criar ferramentas de uso simbólico de eventos (anos 70/80) e lugares (Minas/Goiás/Pantanal/Rio) histórico-mitológicos diferentes. Isso, além de preencher lacunas psicossociais e sociourbanísticas geradas pela temporalidade líquido-moderna e pela espacialidade modernista diatópica e reificante. A partir do ponto de vista da sua experiência sensorial e cognitiva com os discos do Clube em 2005 na cidade de Brasília – cidade muito criticada por não ter esquinas e zonas de produções culturais autônomas e espontâneas –, o autor/compositor desenvolve uma trama autobiográfica em diálogo com a vida e obra dos integrantes do Clube da Esquina, cuja marca da agregação e redes de amizade cristalizadas, através de rizomáticas parcerias musicais célebres, é muito forte no contexto urbanístico da ortogonal Belo Horizonte (capital planejada). A partir do ponto de vista da sua experiência sensorial e cognitiva com esse imaginário musical e biográfico em 2005 na cidade de Brasília, conhecida por seus equívocos urbanísticos na escala gregária simbolizada na percepção e imaginário urbano pela falta de “esquinas”, o autor cria “hestórias” e canções entre a ficção e realidade, passado e presente, tempo e espaço, memória individual e coletiva para se sentir do mundo e de Minas Gerais em qualquer lugar, até na terra do Nunca e de Ninguém.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Frederico. Arteteto responsável: arte urbana como instrumento de políticas públicas urbanísticas (Projeto Social Palavras Cruzadas do Leblon). **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**. [S. l.], v. 19, n. 1, p. 24, 2019.
- ASSIS, Frederico. **Brasília também é Goiás**: memórias entrelaçadas entre dois brasis regionais (Goiânia-Brasília). Rio de Janeiro: UNIRIO (tese de mestrado), 2013. Disponível em: HYPERLINK “<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss323.pdf>” \hwww.memoriasocial.pro.br/documentos/Dissertações/Diss323.pdf (acesso em 11/04/2018)
- ASSIS, Frederico. **Tradição da modernidade**: memórias e mobilidades goianas no urbanismo de Brasília. Goiânia: Brasília Teimosa, 2019.
- AUGÉ, Michel. **Antropologia da mobilidade**. Maceió: UNESP/UFAL, 2010.
- BARTH, Frederick. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- BATESON, Gregoy. **Steps to an Ecology of Mind**. Chicago: Chicago Press, 2000.
- BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOURDIN, Alain. **Questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BORGES, Márcio. **Os sonhos não envelhecem**: histórias do Clube da Esquina. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- CARNOY, Martin. **Estado e teoria política**. Campinas: Papirus, 1988.
- ELIAS; Norbert; SCOTSON, John. Lloyd. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2000.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo** 13, Ano 14. São Paulo, USP, 2005.
- FERNANDEZ, Fernando. Desenvolvimento econômico no eixo Brasília-Anápolis-Goiânia. **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE** - Ano XVIII – V. 3 - N. 35 - Dezembro de 2016 - Salvador, BA – p. 808 – 834.
- GOMES, Edlaine de Campos & MENEZES, Rachel Aisengart. Etnografias possíveis: “estar” ou “ser” de dentro. **Ponto.urbe**, Ano 2, Versão 3.0, julho de 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

KUBITSCHECK, Juscelino. **Por que construí Brasília?** Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1975.

LOUREIRO, Ana Claudia Nonato da Silva . **Rio de Janeiro: uma análise da perda recente de centralidade**. Dissertação de mestrado do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MATTA, Roberto da. **Relativizando: uma introdução a Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

MOTTA, Marly Silva da. **O Rio de Janeiro continua sendo ?** Rio de Janeiro, CPDOC , 2000. 14f. PIREZ, Jacira Rosa. **Goiânia – cidade pré-moderna do cerrado 1922-38**. Ed. PUC: Goiânia, 2007.

RILKE, Rainer Maria. **Carta a um jovem poeta / A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke**. São Paulo: Globo, 2003.

## RESUMO

A discussão sobre tradição e modernidade está presente na relação entre duas cidades, Goiânia e Brasília, qualificadas quase sempre como díspares e identificadas a códigos contrastantes, que se refletem nas identidades e discursividades coletivas assumidas e/ou atribuídas a goianos (tradicionais) e a brasilienses (modernos). O objetivo deste artigo é analisar tensões e concessões identitárias presentes na relação estabelecida entre migrantes estudantes goianos e nativos brasilienses em seus territórios de disputas multidimensionais no contexto da globalização localista (glocal). Foi adotado o método de observação participante junto a grupos de moradores da Asa Norte nas proximidades da Universidade Nacional de Brasília (UnB), em 2005. caracterizados por uma situação específica: a migração para o Distrito Federal para realizar cursos de graduação. Estes estão em permanente trânsito multissituacional, levando consigo experiências em suas trajetórias e transformando os espaços físicos e imaginários que os recebem e/ou os repelem; também representam coletividades sociais amplas, em esfera regional e local, que permitem pensar o tema da(s) brasilidade(s) a partir de perspectivas regionais de memórias coletivas e histórias urbanas não hegemônicas – a partir do eixo Goiânia-Brasília. O surgimento de redes vitais complexas de compadrios por conterrâneos e contemporâneos de moradia e mobilidade por estudantes goianos aponta para diferentes graus de aderência e conflitualidade (entrelaçamento) psicossocial de processos de resiliência e ressignificação identitária da origem regional (Goiânia e demais cidades do estado de Goiás) no destino geográfico (Brasília). A descoberta pelo pesquisador, sobre uma memória familiar relativa à construção de Brasília, traz um componente de história oral e inconsciente coletivo, que é incorporado à pesquisa em seu benefício, talvez por ser o seu desdobramento mais arquetípico, além de fato histórico pouco analisado pelas grandes narrativas causais escritas pelos vencedores da “História”.

**Palavras-chave:** Memória coletiva; Migração regional; Conflitos regionais; História de Brasília; Urbanismo modernista.

## ABSTRACT

The discussion about tradition and modernity is present in the relationship between two cities, Goiânia and Brasília, almost always qualified as disparate and identified with contrasting codes, which are reflected in the collective identities and discursivities assumed and/or attributed to (traditional) Goians and Brasilienses (modern). The objective of this article is to analyze tensions and identity concessions present in the relationship established between migrant students from Goiás and natives from Brasília in their territories of multidimensional disputes in the context of localist (glocal) globalization. The method of participant observation was adopted with groups of residents of Asa Norte near the National University of Brasília (UnB), in 2005, characterized by a specific situation: the migration to the Federal District to take undergraduate courses. These are in permanent multisituational transit, taking experiences with them in their trajectories and transforming the physical and imaginary spaces that receive and/or repel them; they also represent broad social collectivities, at a regional and local level, which allow us to think about the theme of Brazilianness(ies) from regional perspectives of collective memories and non-hegemonic urban histories – from the Goiânia-Brasília axis. The emergence of complex vital networks of *compadrios* by fellow countrymen and contemporaries of housing and mobility by students from Goiás points to different degrees of adherence and psychosocial conflict (intertwining) of processes of resilience and identity resignification of regional origin (Goiânia and other cities in the state of Goiás ) in the geographic destination (Brasília). The discovery by the researcher, about a family memory related to the construction of Brasília, brings a component of oral history and collective unconscious, which is incorporated into the research for its benefit, perhaps because it is its most archetypal unfolding, in addition to a historical fact little analyzed by grand causal narratives written by the winners of “History”.

**Keywords:** Collective memory; Regional migration; Regional conflicts; History of Brasília; Modernist urbanism.